

# ANAIIS



3º CONGRESSO  
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

02

*INFORME DO SETOR DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, USP*

*Ana Maria de Almeida Camargo*

O Setor de Documentação Histórica teve seu início em 1966, e por isso foi considerado, como disse o Prof. David Gueiros Vieira, na conferência desta manhã, como uma das experiências pioneiras nesse sentido, no Brasil. Vou apresentar um esquema básico do seu funcionamento que poderá ser acompanhado pelo impresso que foi distribuído.

Até 1970, pertenceu à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Hoje, está ligado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, sob a direção do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula.

Objetivos do Setor:

- 1.º – formação de um núcleo informativo de documentação nacional e estrangeira sobre a História do Brasil, através de intercâmbio cultural entre diversos centros de pesquisa e preservação pela microfilmagem.
- 2.º – a reunião e a catalogação de documentos e bibliografias especializadas e de interesse geral para os estudos históricos e para o planejamento de pesquisas historiográficas.
- 3.º – oferecer aos interessados, instrumentos de trabalho para a produção de documentos.

Áreas de trabalho estão apontadas aí no quadro: Documentação, Bibliografia, Assistência ao Pesquisador e Divulgação.

Na área de Divulgação, o setor já imprimiu dois “Boletins”. Acredito que muitos dos senhores já tenham visto, ou pelo menos lido, alguns trabalhos relacionados com o setor e que expõem o tipo de trabalho que é realizado lá e o acervo de que já dispomos.

Temos cerca de 500 rolos de microfilmes; e por esses trabalhos podemos notar uma gama muito variada de documentos. O Setor não estabeleceu, por assim dizer, um programa de levantamento regional de documentos como o que temos visto através de algumas iniciativas aqui apresentadas. Pelo contrário, os assuntos dos documentos microfilmados e existentes no Setor abrangem praticamente todas as regiões do Brasil.

A título de exemplo vou citar coleções já microfilmadas:

– Uma farta documentação do Brasil Centro-Oeste, o *Museu das Bandeiras*, que hoje foi citado pelo Dr. Diégues, se encontra microfilmado (pelo menos no período colonial e imperial).

– da região NE, temos já alguns documentos microfilmados, bem como da região SE e Sul.

Quanto à natureza dos documentos que lá se encontram, temos documentos manuscritos e impressos, jornais, livros, etc.

Para fornecer elementos para discussão sobre as funções do Centro, gostaria de dizer que depois de dez anos de experiência, o Setor discute hoje, pela primeira vez, os seus objetivos. Pensa-se, inclusive, senão na reformulação dos objetivos, a fim de propôr inicialmente, pelo menos, das estratégias de que tem se utilizado até então. É preciso estabelecer prioridades ou, porque não dizer, uma área de atuação, configurada, seja através de uma delimitação geográfica — tal como vem ocorrendo com a maior parte das iniciativas semelhantes no Brasil — seja, a partir da própria natureza do documento, como por exemplo, através de critérios cronológicos. Esse é outro problema que o Setor vem enfrentando, sentindo a necessidade de redefinir essas estratégias. Em que área vai atuar? Antigamente, saia-se de São Paulo com a microfilmadora portátil e ia-se para o NE microfilmar. Hoje, a criação de Centros regionais de documentação e pesquisa, nos impede de fazer tal tipo de trabalho, já que é preciso evitar, a todo custo, a duplicação de esforços nessa área de recuperação de documentos.

Então, torna-se necessário, em 1.º lugar, a integração com outros centros, com outros projetos, em andamento. Precisamos saber o que é que se faz em outras regiões do Brasil para que não se continue a fazer o tipo de trabalho que até então temos feito em São Paulo.

Hoje mesmo ficamos sabendo da existência de 2 centros que se preocupam com a região Centro-Oeste: em Brasília e Cuiabá. São Paulo, por sua vez, já se preocupou e continua a se preocupar com essa região, uma vez que a microfilmagem do Museu das Bandeiras continua sendo feita, agora no período republicano e fim do início do imperial. Assim, é preciso mais do que nunca, a integração com esses outros projetos, para que haja uma setorização de atividades por parte do Setor de documentação.

Quanto à mobilização de pessoal, o Setor tem trabalhado praticamente independente do Departamento de História. É outro problema que temos enfrentado. E, em vista do sucesso de certas iniciativas como a da UFF, de integração absoluta de atividades entre o Departamento de História e o Setor de Documentação, é preciso que haja a mesma preocupação por parte do Departamento de História da USP. O que se nota, no entanto, é o problema de preconceito em relação ao tipo de trabalho de levantamento de fontes primárias. É um problema que temos enfrentado há muito tempo. O Departamento de História praticamente não assume a problemática da documentação. Assim, o Setor ficou realmente marginalizado do Departamento de História, e não tem envolvido ou mobilizado alunos e professores para as suas atividades.

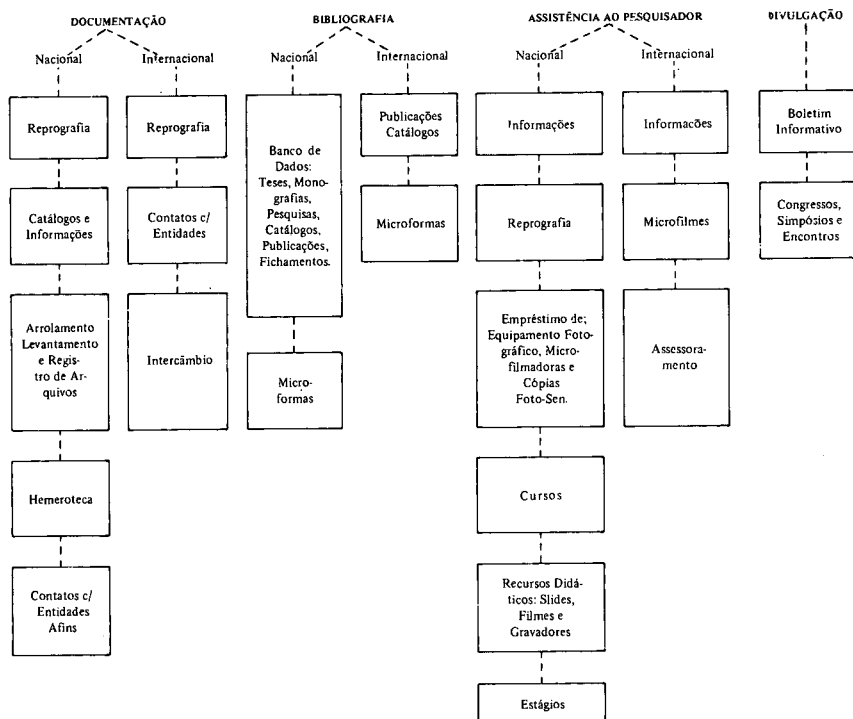
É isso que eu tinha basicamente a dizer, um levantamento dos problemas que, pela primeira vez, estamos sentindo em São Paulo, depois de 10 anos de experiência com microfilmagem e que acredito seja também o de outras universidades.

SETOR DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO DEPARTAMENTO DE  
HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

— diretor: Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

SETOR DE DOCUMENTAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ÁREAS DE TRABALHO



fontes:

- MIRRA, Elisabeth Concetta — O Setor de Documentação do Departamento de História da FFLCH/USP. *Revista de História*, São Paulo, 101:323–342, 1975.
- LOPES, Betrada, MIRRA, Elisabeth Concetta & FRAZÃO, Euza Rossi de Aguiar — O Setor de Documentação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e a pesquisa histórica. In: *A propriedade rural*, v. 3. São Paulo, 1976, p. 1069–1091 (Coleção da Revista de História, 66).

*INFORME PRÉVIO DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CENTRO  
DE ESTUDOS GERAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO  
SANTO*

*Renato José Costa Pacheco*

**a) Definição do projeto**

A primeira tentativa de pesquisar as fontes primárias da História do Brasil, existentes no Espírito Santo, em continuação a tentativas isoladas dos Professores Guy de Holanda, Nara Salette da Costa da Silva Santos, Maria Helena Duarte Faria e Vânia Gonçalves, foi feita pelo Departamento de História da CEG/UFES em julho de 1972, com a determinação de que cinco de seus alunos estagiassem no Arquivo Público Estadual (Anexo I). Um deles, o distinto licenciado Fernando Antonio de Moraes Achiamé, é hoje o diretor da referida instituição a que está imprimindo moderna orientação.

Ao mesmo tempo, baseado em experiências anteriores (Prof. Guy de Holanda MEC/INEP, Questionário Brasileiro sobre Arquivos, Profa. Cecília Maria Westphalen, da Universidade Federal do Paraná, Operação Arquivo I da Universidade de Brasília, Comissão de História do Estado Maior do Exército e Projeto Rondon) foi preparado um questionário resumido que o Projeto Rondon no Espírito Santo aplicou a 26 arquivos, em quatro municípios, o que serviu, principalmente, para chamar a atenção das autoridades para a situação precária em que alguns deles se encontravam.

Em reunião departamental de 27 de junho de 1973, a Profa. Euzy Rodrigues de Moraes, então Secretária Executiva da Fundação Cultural do Espírito Santo fez exposição em que manifestava o interesse daquele órgão em editar uma História do Estado, com o apoio da Universidade.

Dessa reunião, defluram as seguintes conseqüências:

1. Convite ao Professor Dr. José Sebastião Witter, indicado pela USP, através do Dr. Euripedes Simões de Paula, para preparar os alunos que iriam iniciar novo levantamento de fontes primárias. O referido professor, na terceira semana de outubro de 1973, ministrou curso de metodologia histórica, em caráter intensivo, e coordenou a preparação do formulário a ser aplicado.

2. Trabalho de campo, em todos os municípios do Estado, de novembro de 1973 a 31 de julho de 1974, financiado pela FCES.

Este projeto se encontra atualmente paralisado, face à mudança, em março de 1975, da direção da Fundação Cultural, mas há perspectiva de reabertura do trabalho, principalmente se forem alocados recursos específicos, como o do Projeto Capistrano de Abreu, do Arquivo Nacional, isto dentro de um contexto mais amplo, regional ou nacional.